

SIMULACROS DA CRIAÇÃO: ASPECTOS DA POLÊMICA EVOLUCIONISMO VERSUS CRIACIONISMO*

Nilson Cândido FERREIRA

RESUMO *Esta dissertação analisa a relação entre o discurso de divulgação científica neodarwinista e o discurso criacionista conservador. O primeiro representa o pensamento de diversas correntes da biologia que seguem o modelo estruturado por Charles Darwin. O segundo representa a ala criacionista que interpreta de forma literal o texto do Gênesis sobre a criação do mundo.*

Este trabalho, que analisa, principalmente, matérias da revista “Veja” que circularam na última década, tem como discurso de referência o neodarwinismo e é fundamentado na teoria da análise do discurso francesa, especialmente nos conceitos de interdiscurso, semântica de base, interincompreensão, polêmica e simulacros discursivos propostos por Maingueneau.

A análise do corpus aponta que o foco da guerra entre esses discursos está centralizado no item lexical “acaso” e seu oposto “projeto”. Isso porque admitir que há “projeto” acarreta em admitir-se que há projetista e, se há projetista e projeto, há também propósito, pois uma coisa pressupõe a outra.

A relação de interincompreensão e polêmica entre os discursos protagonistas, relação fortemente marcada pela ideologia, faz com que cada um desses discursos veja o seu Outro somente através do simulacro que dele constrói.

Palavras-chave: 1. Análise do discurso. 2. Criacionismo. 3. Bíblia e evolução. 4. Darwinismo.

ABSTRACT *This dissertation analyses the relation between the Neodarwinist evolutionary scientific disclosing discourse and the conservative creationist discourse. The Neodarwinism, in this study, shows the contemporary thought of the several Biology tendencies. The conservative creationism has a literal interpretation of the Genesis text about the creation of the world.*

Our study, which mainly analyses publications from the “Veja”, has the neodarwinism as a reference discourse and is based on the French discourse

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 12 de dezembro de 2002, sob a orientação do Prof. Dr. Sírio Possenti.

analysis theory, specially on the concepts of inter-discourse, base semantics, inter-uncomprehension, controversy and discourse simulacrum proposed by Maingueneau.

The corpus analyses indicates that the focus of the war between those two discourses is centralized on the lexical item “chance” and its opposite “project”. That is so because if we admit that there is a “project”, we have to admit there is a planner, and, if there is a planner and a project, there should be a purpose, once one thing presupposes the other.

The inter-uncomprehension relation and controversy among the protagonist discourses, which is strongly marked by ideology, causes each one of these discourses to face its “Other” through the simulacrum built by itself.

Key words: 1. Discourse analysis; 2. Creationism; 3. Bible and Evolution; 4. Darwinism.

Este trabalho analisa a relação existente entre o discurso de divulgação científica evolucionista neodarwinista e o discurso criacionista conservador. O neodarwinismo, neste trabalho, representa o pensamento atual das diversas correntes da biologia que seguem o modelo estruturado por Charles Darwin, a partir de sua obra *A Origem das Espécies*. O criacionismo conservador, também conhecido por fundamentalista, é a ala criacionista que interpreta o texto do Gênesis sobre a criação do mundo de forma literal. Esta formação discursiva contrapõe-se ao criacionismo “liberal” que é a ala interpreta o Gênesis como literatura metafórica e/ou mitológica de teor teológico e não científico, conciliando assim a teoria científica com a religião.

Alguns enunciados assumidos pela posição evolucionista são: os répteis deram origem às aves; as diversas espécies de animais e plantas são aparentadas em decorrência de suas relações evolutivas; o homem é primata e, portanto, tem relações evolutivas com os demais primatas; a evolução do planeta é contada em cerca de 5 bilhões de anos; a evolução continua; não há um indivíduo inicial que corresponde a Adão, o que existiram foram populações humanas evoluindo a partir de grupos não-humanos.

O discurso criacionista conservador pode ser assim esquematizado: houve tempo em que nada havia; as plantas e os animais foram criados como espécies diferentes e distintas; o homem foi criado por Deus a partir do pó da terra; todas as coisas foram criadas por Deus em seis dias de 24 horas; a obra de Deus independe de aperfeiçoamentos; Adão foi o primeiro homem, criado independentemente de qualquer animal. Assume também que “o dilúvio constituiu enorme ‘descontinuidade’ nos processos normais da terra. É, portanto, impossível projetar os atuais índices de avaliação (de sedimentação, de radioatividade, de erosão e de outros processos geológicos) ao período antediluviano, e menos ainda ao período da criação”.

No livro “*Grandes Debates da Ciência*”, o seu autor, Hal. Hellman, coloca a controvérsia entre criacionistas e evolucionistas como uma entre as “*dez das maiores contendas de todos os tempos*” (p.111-40). Essa controvérsia teve “início” em 1859, com a publicação da obra de Charles Darwin: “*A Origem das Espécies*”. Nessa obra, Darwin (1996, p. 27) conclui que, na luta da vida e pela vida, os mais fortes e mais espertos prevalecem e que, pela seleção natural, as mudanças que favorecem a sobrevivência são transmitidas às gerações posteriores e as mudanças desfavoráveis são eliminadas. Dessa forma, as espécies vão mudando gradualmente (*Ibid.*, p.45) “os organismos melhor adaptados durante a vida inteira às mudanças ocorridas sempre foram selecionados” e as espécies que não conseguem se ajustar às condições impostas pelo meio são extintas (*Ibid.*, p.28).

Este trabalho, que analisa principalmente matérias da revista “*Veja*” que circularam no decorrer da última década, tem como discurso de referência o neodarwinismo e está ancorado nos fundamentos teóricos da Análise do Discurso “francesa”,¹ especialmente na noção de formação discursiva “trazida” para a análise do discurso por Pêcheux e Courtine e nas noções de interdiscurso (primado do interdiscurso, universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo), semântica global, interincompreensão e polêmica desenvolvidas por Maingueneau.²

A análise do *corpus* é feita seguindo as pistas deixadas na materialidade lingüística. Selecionamos seqüências discursivas relevantes para a nossa análise e estudamos o *funcionamento discursivo da relação de polêmica que envolve o espaço discursivo delimitado*, ou seja, o discurso de divulgação científica evolucionista neodarwinista (discurso de referência) e o discurso criacionista conservador.

Essas seqüências discursivas são “recortes” “extraídos” das fontes mencionadas, pois não procedemos a uma análise extensiva de toda a materialidade discursiva, mas retomamos apenas os dados relevantes para nossos objetivos analíticos. Assim, o *corpus* é constituído por conjuntos de seqüências procedentes de vários pontos do universo escolhido e essas seqüências são agrupadas de acordo com pontos comuns que são considerados nas diversas etapas da análise.

Trabalhamos com as marcas lingüísticas presentes na materialidade discursiva, mas não consideramos que o discurso seja transparente (e sim que tem um funcionamento) e não pensamos que o sentido é estável na língua (e sim que é efeito de sentido produzido no acontecimento discursivo).

Para dar consistência à nossa análise, consideramos as condições de produção dos discursos e estudamos os mecanismos discursivos presentes na produção dos sentidos, historicamente constituídos, independentemente da intenção do “sujeito” do discurso.

¹ MAINGUENEAU, *Novas Tendências...*, p.16 faz um paralelo entre AD francesa e AD anglo-saxã. Mas, será que ainda não podemos dizer que há uma “análise do discurso brasileira”?

² Uma vez que o fundamento teórico deste trabalho já está amplamente publicado em várias importantes obras sobre análise do discurso, privilegiaremos, neste resumo, aquilo que é mais peculiar à nossa análise.

Iniciamos a análise do *corpus* procurando observar a sua estrutura semântica e, a partir da base semântica, analisamos a relação existente entre os discursos que formam espaço discursivo que temos considerado.

Agrupamos algumas seqüências discursivas que materializam a semântica específica do neodarwinismo. A partir disso, observamos, simultaneamente, aquilo que o discurso agente assume, aquilo que nega, aquilo que “reivindica” para si e aquilo que atribui ao discurso contrário.

Com isso, além de analisarmos a relação entre os discursos em epígrafe, verificamos também, através das seqüências discursivas analisadas, a “importância da dimensão interdiscursiva no uso do vocabulário” (Maingueneau, 1997, p.155).

Extraímos essas seqüências de um texto publicado na revista *Veja* de 02.06.93. Esse é o primeiro texto do *corpus*, considerando a ordem cronológica das publicações analisadas, e serve de referência para a construção da análise.

A escolha desse texto específico não foi motivada por qualquer questão inerente ao “conteúdo”, uma vez que aceitamos o pressuposto de Maingueneau (1984) de que a base semântica específica de uma formação discursiva é materializada, de forma geral, em qualquer discurso por ela produzido, pois o discurso é “um espaço de regularidades enunciativas”. (Maingueneau, 1984, Int. p.1).³

Cada seqüência discursiva, cujos termos-chave estão sublinhados, aparecerá na mesma ordem em que ocorre no texto de origem e será precedida por um número e pela letra E, para indicar pertencer à formação discursiva evolucionista.

Tais símbolos (números e letras) servirão como índice de identificação semântica, no quadro de relações semânticas a seguir, pois indicarão em qual discurso se enquadra, a que tema se refere e qual é a semântica do discurso concorrente.

Título: “O farol da evolução”. (Revista VEJA, 02.06.93, p.80,1).

1E. “Célula... sem ter sido projetada por uma inteligência superior.”

2E. “Para fabricar um relógio é preciso um relojoeiro, mas para fabricar um relojoeiro não é necessário um criador.”

2E. “Tirando Deus da Natureza...”

2E. “Tirou Deus do homem, colocando o anjo decaído na mesma linha de produção natural que fabrica macacos, ostras...”

3E. “Se essa estrada leva a algum ponto só as gerações futuras poderão dizer.”

4E. “Seres vivos... descendem de uma única forma primordial de vida.”

³ Neste trabalho, faremos remissão à obra original de Dominique Maingueneau “*Genèses du discours*”, mas utilizaremos a tradução feita por Sírio Possenti e seguiremos a numeração dessa tradução. Registramos aqui a nossa gratidão ao referido tradutor que, gentilmente, nos cedeu um exemplar dessa tradução que está em processo de edição.

4E. “Essas linhagens têm a certa altura do passado ancestrais comuns...”

4E. “Tirou Deus do homem, colocando o anjo decaído na mesma linha de produção natural que fabrica macacos, ostras...”

4E. “Homens e macacos tiveram um ancestral comum...”

5E. “O farol da evolução.”

5E. “A evolução dotou o organismo humano de estratégias de defesa...”

6E. “Todos os seres vivos... são produtos das eras...”

6E. “Fóssil... há 150 milhões de anos num bloco de uma argila...”

Observando a semântica de base do discurso evolucionista, organizada nesse primeiro agrupamento de seqüências discursivas, e que, por conseguinte, não faz parte da semântica de base do criacionismo conservador, antes tem nele um correspondente oposto, podemos construir um quadro de referência que, de um lado, apresenta a grade semântica evolucionista e, do outro, apresenta cada correspondente oposto, criacionista.

Podemos verificar, analisando a semântica de base das seqüências acima, que a grade semântica evolucionista pode ser composta dos seguintes semas ou de outros discursivamente equivalentes⁴ a eles: acaso, natureza, acidente/viver-por-viver, homem-animal-comum/primatas, evolução, eras/milhões-de-anos.

A partir da semântica de base do evolucionismo, considerando a natureza dialógica do discurso, de acordo com o que vimos, e ancorando-nos no princípio dialético de que, ao afirmarmos alguma coisa, negamos o seu contrário, podemos construir o seu correspondente antagônico, que é formado a partir das seguintes unidades lexicais: projeto, Deus, propósito/teleologia, Homem-Ser-especial/Adão, criação, dias-da-criação.

Para visualizarmos melhor a oposição semântica peculiar aos protagonistas de nossa análise, mostraremos o seguinte quadro de relações semânticas aonde, de um lado é apresentado aquilo que o criacionismo conservador afirma (e, por conseguinte, o neodarwinismo nega) e de outro lado é apresentado aquilo que o neodarwinismo afirma (e, conseqüentemente, o criacionismo conservador nega).

Quadro de Relações Semânticas

| CRIACIONISMO (C) ⁵ | EVOLUCIONISMO (E) |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 1C. Projeto/Plano | 1E. Acaso |
| 2C. Criador/Deus | 2E. Natureza |
| 3C. Propósito/Teleologia | 3E. Acidente/ Viver-por-viver |

⁴ Convém notar que não é equivalência na língua, no dicionário, mas como diz Maingueneau, (1997) “é preciso referir-se ao seu valor no discurso” (p. 150).

⁵ Dentre outras obras, os enunciados básicos do criacionismo podem ser encontrados em LIMA, 1993, p.23ss, MORRIS, 1979, *passim* e em ANKERBERG & WELDON, 1995, p.14s.

| | |
|-----------------------------|----------------------------------|
| 4C. Homem-Ser-especial/Adão | 4E. Homem-animal-comum/primata |
| 5C. Criação | 5E. Evolução |
| 6C. Dias-da-criação | 6E. Eras/milhões/bilhões-de-anos |

Após o levantamento da semântica de base materializada no primeiro texto trabalhado, percorremos os demais textos que circularam através da revista *Veja*, na última década, e outros periódicos, e verificamos que não foram necessários novos traços para caracterizar a semântica de base desses discursos.

Isso confirma que o discurso está em cada fragmento e que “em cada uma de suas enunciações, por ínfimo que pudesse ser seu objeto, o discurso investe tudo...” (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.8), pois “toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade” (*Idem*, 1997, p.120).

No entanto, acrescentamos duas seqüências discursivas que, de acordo com o nosso parecer, podem evidenciar melhor a base semântica que temos proposto:

3E. *“A idéia de ‘propósito da vida’ perde sentido com o darwinismo... a função de todas as funções é levar à reprodução. É fazer com que o pássaro transmita para gerações futuras os genes que o ‘construíram’. A utilidade dos organismos é, assim, muito estreita: maximizar a sobrevivência de genes” (Richard Dawkins). (Revista Veja, 17.06.1998, p.148).*⁶

4E. *“O papel desempenhado pela espécie humana é tão fortuito quanto o dos bem-te-vis, das baleias ou dos jacarés” (Revista Veja, 28.09.94, p.92).*⁷

Ancorando-se nas unidades lexicais do quadro de relação semântica que construímos na página anterior, o criacionismo conservador, como vimos no início deste trabalho, afirma que o mundo é obra de Deus, que criou todas as coisas, especialmente o Homem (Adão e Eva) - a sua imagem e semelhança -, no decorrer de uma semana, para que o ser humano vivesse para adorar a Deus e para dominar a natureza, usufruindo, assim, da obra da criação. Outrossim, há coisas que o homem não consegue discernir e deve aceitá-las pela fé na revelação da Bíblia ou, então, entendê-las como mistério de Deus.

Da mesma forma, expandindo suas unidades lexicais, o evolucionismo neodarwinista afirma que o que existe tem sua origem na própria natureza, negando

⁶ Título: “O apóstolo de Darwin”.

⁷ Título: “Uma Nova Luz na Viagem do Homem”.

assim que há um criador; afirma também que a evolução se deve ao acaso, nega a existência de projeto prévio; afirma a contingência (acidente) da vida, que todos os seres vivos vivem por viver, nega a existência de propósito divino, de teleologia, de objetivo final; afirma que o Homem evoluiu a partir de ancestrais primatas, nega a existência de Adão; afirma que o ser humano é um animal como os outros, nega que o homem é um ser mais digno que caminha para chegar a um momento “alto” afirma a evolução, nega a criação; afirma que a evolução transcorreu em milhões ou bilhões de anos, nega a “semana da criação”. Ademais, afirma que todas as coisas devem ser entendidas de acordo com as explicações dos cientistas, não se deve recorrer à fé, à Bíblia ou a Deus.

Procedendo à análise das unidades lexicais consideradas, verificamos que o principal foco da guerra entre esses discursos está na questão representada pelo item lexical “acaso” e seu corresponde oposto “projeto”. Isso porque admitir que há “projeto” acarreta admitir que há projetista e, se há projetista e projeto, há também propósito, pois uma coisa pressupõe a outra.

Assim, a um só tempo, quando o evolucionismo constrói o seu discurso em torno da casualidade do processo evolutivo, ele está negando a existência de projeto, de projetista e de propósito.

Retornando ao quadro das relações semânticas, não restam dúvidas de que dos três primeiros semas decorrem os outros três, uma vez que: criação de espécies fixas ou evolução, humanidade especial ou não e poucos dias de criação ou bilhões de anos de evolução se restringem ao modo e ao tempo em que as coisas aconteceram, constituindo-se em uma etapa secundária de um processo cujos fundamentos já estariam estabelecidos pelos três semas anteriores.

Quanto ao criacionismo moderno, julgamos oportuno ressaltar que esta corrente criacionista diverge do neodarwinismo “apenas” nos quatro primeiros itens do quadro supra, uma vez que admite que as espécies evoluem e que os dias da criação do Gênesis não devem ser entendidos literalmente, mas como eras.

Com isso, notamos que o discurso em que *Darwin aparece como “sujeito”* (representando em grande parte o discurso de geólogos e naturalistas de sua época), em “*A Origem das Espécies*”, estaria hoje mais próximo da formação discursiva do criacionismo moderno do que da formação discursiva do neodarwinismo, uma vez que seu objeto de estudo se limita “apenas” aos três últimos tópicos de nossa tabela e, também, a formação discursiva de Darwin admite a existência de leis estabelecidas pelo Criador e permite dizer que “*a existência dessas leis exaltaria na mesma proporção o nosso conceito da potência do Criador onisciente*”. (Darwin, 1996, p.67s).⁸

⁸ Observamos em Darwin (1996) a ocorrência do termo “Criador” nas seguintes páginas: 24, 39, 50, 65, 67 (2 vezes) e 68. Ainda há uma nota de rodapé dizendo que, na segunda edição de sua obra, Darwin introduziu a expressão ‘pelo Criador’ na seguinte seqüência: “*há uma grandeza simples no fato de considerar a vida, com as suas capacidades de desenvolvimento, assimilação e reprodução, como se tivesse sido originalmente insuflada [pelo Criador] na matéria sob uma ou poucas formas...*” (p.69).

Para nós, a centralidade, nesses discursos, da posição do “*acaso*” ou do “*projeto*” divino (que por seu aspecto transcendental, em última instância, é impossível de ser negado ou comprovado por provas científicas objetivas)⁹ é o fator preponderante que alimenta a polêmica e a interincompreensão entre essas formações discursivas e que dá vigor a essa controvérsia que, como temos visto, tem-se arrastado por todos esses anos com pequenos sinais, apenas, de tréguas esporádicas.

A seguir, serão associados à semântica de base dos discursos considerados os semas reivindicados e, a partir deles chegaremos aos seus opostos, os semas rejeitados. As referências abaixo são as fontes de onde recortamos as seqüências discursivas que materializam os semas básicos para formação do *corpus* deste trabalho: 1. VEJA, 02.06.1993 - *O farol da evolução*; 2. VEJA, 28.09.1994 - *Uma nova luz na viagem do homem*; 3. VEJA, 01.03.1995 - *Foi tudo sorte*; 4. VEJA: 29.11.1995 - *O pai de todos*; 5. VEJA, 07.02.1996 - *Especial: A grande pergunta*; 6. VEJA, 30.07.1997 - *Big-bang biológico*; 7. VEJA, 17.06.1998 - *O apóstolo de Darwin*; 8. VEJA, 06.10.1999 - *Primos canibais*; 9. VEJA, 28.04.1999 - *Ele está entre nós?*; 10. VEJA, 02.08.2000 - *O frágil império da ciência*; 11. VEJA, 28.03.2001 - *Fogueira das vaidades*; 12. VEJA: 13.03.2002 - *Eles eram da família*;

Para enriquecermos o nosso *corpus* e confirmarmos a *perspectiva teórica de Maingueneau* que vê o discurso como uma dispersão de textos que mantêm o espaço de regularidades enunciativas, isto é, mesmo circulando em veículos diversificados, a semântica de base permanece estável, recortaremos algumas seqüências que materializam os discursos considerados em mais duas fontes diversas, a saber, em um livro de divulgação científica e em um jornal universitário. A) JORNAL DA USP: (1^a a 07.06.1998, p.12) - *Darwin na visão da moderna biologia*. B) Livro: “*O Espectro de Darwin*” (Rose, 2000).

Em seguida, utilizando seqüências discursivas que compõem o nosso *corpus*, agrupamos “recortes” que, de acordo com o acontecimento discursivo, materializam semas “reivindicados”, valorizados pela formação discursiva do discurso de referência. Em seguida, através do conhecimento desses semas positivos, verificamos os semas rejeitados, desvalorizados e, por conseguinte, atribuíveis ao discurso antagonista.

Com isso, verificamos que o discurso neodarwinista procura construir sobre si uma imagem de porta-voz da verdade e para isso reivindica os sentidos construídos pelos semas: fato, realidade, prova, verdade, ciência de verdade, certeza, evidência, garantia, razão, racional. Os cientistas de sua formação discursiva são descritos como famosos, importantes, renomados, conceituados, sérios, sinceros, defensores da ciência e da verdade, etc. Em contrapartida, o discurso de referência constrói o

⁹ O próprio neodarwinista Jacob diz (VEJA, 01.03.1995) que “o nascimento de todo ser humano é produto do acaso que juntou um pai e uma mãe em circunstâncias que ninguém planejou. Não existe lei física, química ou biológica capaz de explicar por que, em 1 trilhão de possibilidades genéticas, nasceu você em vez de outra pessoa.”)

simulacro discursivo do seu Outro através de semas como: mito, lenda, superstição, palpite, explicação sem sentido, histórias apócrifas, religião ruim, ciência ruim. Quanto aos que pertencem à formação discursiva antagonônica, são: religiosos apaixonados, insinceros, supersticiosos, perseguidores da ciência, promotores de “guerras acirradas” em cujo meio encontram-se cientistas que na verdade são teístas inconfessos.

Numa relação de antagonismo, dizer que o Outro não é sincero, que usa de expedientes espúrios, de ardis, de tática, etc., é comum e assim, uma vez que o discurso criacionista deve ser visto como um discurso artificial, apaixonado, baseado em lendas e mitos, sem autenticidade e sem base científica, o discurso-agente procura tornar público aquilo que considera como erro,¹⁰ como transgressão por parte do adversário, pois com isso o adversário é colocado “em situação de infração em relação a uma Lei que é autoridade (que não se discute)” e uma vez desqualificado (por ser injusto, mentir, distorcer informações, desrespeitar as regras sociais, etc...) ele é desinvestido “de seu direito à palavra, independentemente de qualquer conteúdo” (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.9). (Grifo acrescentado).

Contudo, *quer “atacando” o Outro, quer “defendo-se” dele, o discurso sempre procura construir a sua fala a partir de sua própria semântica de base e recusa, sempre, a semântica antagonista, na busca, incessante, de desvencilhar-se definitivamente do espectro do seu Outro.*

Porém, o que o discurso não percebe é que “não existe relação polêmica ‘em si’: a relação com o Outro é função da relação consigo mesmo” (Maingueneau, 1984, cap.V, p.5). Assim, quando um discurso pensa que está vendo o espectro do seu Outro, na verdade, ele está vendo a sua própria sombra e não se reconhece.

Para visualizarmos melhor os contrastes entre os semas “positivos” (reivindicados) e os semas “negativos” (rejeitados), que terminamos de considerar, construímos o quadro a seguir.

Quadro dos semas reivindicados versus semas rejeitados

| SEMAS REIVINDICADOS: | SEMAS REJEITADOS: |
|--|--|
| 1. Cientistas, famosos, importantes, renomados, conceituados, racionais, sinceros. | Apaixonados, supersticiosos, perseguidores, insinceros, (No caso de cientistas, teístas inconfessos) |
| 2. Fato, realidade, prova, verdade, ciência de verdade, certeza, evidência, garantia, razão. | Mito, lenda, palpite, superstição, explicação sem sentido, religião, histórias apócrifas, religião ruim, ciência ruim. |
| 3. Mostrar, demonstrar, provar, comprovar. | Explicação canhestra, argumentos frágeis, falta de bases científicas, histórias apócrifas, pedido para acreditar. |

¹⁰ MAINGUENEAU diz que “polemizar é sobretudo apanhar publicamente em erro...” (“*Genèses du discours*”, cap.IV, p.9).

| | |
|---|---|
| 4. Científico, racional, sério, monumental. | Sustentado por mito, desenvolvido com argumentos frágeis, carente de bases científicas, cientificidade negada pelos biólogos sérios, apaixonado, insincero, sem sentido, canhestamente explicado. |
| 5. Defensores | Perseguidores, promotores de “acirradas guerras”, “guerreiros”. |

Conclui-se que esses discursos, verdadeiramente antagonistas, mantêm uma relação de interincompreensão e polêmica, relação fortemente marcada pela ideologia e que faz com que cada um deles veja o seu Outro somente através do simulacro que dele constrói. Dessa forma, a controvérsia existente entre eles é regida pelas regras da interincompreensão que levam às construções dos simulacros discursivos (e, assim, um discurso não conhece o seu Outro, mas apenas o simulacro que constrói dele). Ou seja, *um discurso vê a si mesmo através do “espelho mágico” da polêmica que reflete a imagem do espectador de forma ajustada*, de acordo com o ideal de perfeição concebido no imaginário desse discurso e, por outro lado, *vê o seu antagonista através da “lente mágica” da polêmica, cuja função é desqualificar o rival, custe o que custar, através da deformação da sua imagem* (que também é construída no imaginário do discurso agente), para que ele seja colocado abaixo do limite mínimo necessário para uma convivência relativamente pacífica.¹¹

Verificamos também que, em uma relação de polêmica, a citação das palavras do Outro é muito semelhante ao que ocorre em alguns seqüestros. Seqüestram-se as palavras do discurso antagonônico e essas, uma vez dominadas no cativado do adversário, são forçadas a dizer tudo aquilo que o autor do seqüestro as obriga. Porém esse dizer não representa a sua libertação, antes serve apenas para o seu próprio “aniquilamento”.

Vimos que o discurso neodarwinista está sempre marcando, através da sua semântica de base, a sua posição e a posição do seu Outro. Isto é, a partir daquilo que o discurso agente assume [sua SEMÂNTICA DE BASE], é possível encontrar aquilo que nega [a SEMÂNTICA ANTAGÔNICA] e a partir daquilo que ele “reivindica” para si [“QUALIDADES”], podemos encontrar aquilo que atribui ao discurso oposto [“DEFEITOS”]. Assim, um pequeno conjunto de seqüências discursivas é suficiente para a identificação da estrutura semântica específica do neodarwinismo e do seu Outro.

Isso nos mostra como é relevante, a partir das seqüências discursivas que compõem o *corpus*, considerarmos a “importância da dimensão interdiscursiva no uso do vocabulário” (Maingueneau, 1997, p.155).

¹¹ “Para Brandt (1980, p.121), o funcionamento de uma polêmica deve ser entendido como uma troca entre subjetividade tornada possível graças a uma lógica do imaginário em que os interlocutores articulam representações recíprocas (do outro e de si mesmo)” *apud* (Brandão H., 1998b, p.93).

Chegamos também à conclusão de que, apesar de todas as diferenças entre os dois discursos considerados em nossa análise, esses discursos não atuam em campos dissimétricos. Antes, o discurso neodarwinista preocupa-se com o seu Outro por razões puramente “ideológicas”, isto é, porque é fortemente marcado pela ideologia, luta para ocupar espaço do seu Outro. Aliás, é por estarem no mesmo espaço discursivo, sendo de formações discursivas oponentes, que sua relação é dessa natureza.

Assim, o discurso neodarwinista que circula através da divulgação científica não é o discurso da ciência, mas é uma versão “ideológica” sobre ciência e, além de ocupar o espaço da ciência, quer ocupar também o espaço da religião e parte do espaço da filosofia. Por outro lado, o seu Outro, o discurso criacionista conservador, pelo que vimos a *partir do discurso de referência* de nossa análise, além de ocupar o espaço da religião, tem procurado também ocupar o espaço atribuído à ciência.

Dessa forma, a disputa entre esses discursos acontece porque ambos desejam exclusividade para ocupar o espaço que disputam. Ou seja, a luta travada nesse espaço discursivo não tem como objetivo que um tenha primazia sobre o Outro, mas cada um busca a anulação do Outro, sua eliminação do espaço discursivo, pois ambos os discursos “*estão imersos em um universo a priori largamente aceito por ambas as partes*” (Maingueneau, 1984, cap.III, p.6).

Isso explica a razão pela qual àquilo que o *criacionismo conservador* chama de *verdadeira ciência*, o *neodarwinismo* chama de *teísmo disfarçado*, de *religião*, e àquilo que o *neodarwinismo* chama de *verdadeira ciência*, o *criacionismo conservador* chama de *ateísmo disfarçado*, *materialismo*.

Analisando a controvérsia existente entre esses discursos, confirmamos que Maingueneau (1997) tem razão em afirmar que

“o exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável” (p.125).

Finalmente, os discursos em epígrafe, em vários momentos, se “aproximam” de um discurso filosófico e têm como instância que os transcende, e que teria condições de arbitrar sobre eles de forma neutra (Maingueneau, 1984, cap.IV, p.10), os conceitos de verdade, realidade, fatos e bom senso.

A análise desse espaço discursivo nos permite perceber também um silêncio muito significativo, pois é deixada na sombra a razão do INTERESSE pelo monopólio enunciativo, pela ocupação exclusiva de um espaço que, *se não fossem as motivações ideológicas* que atravessam esses discursos (prestígio, poder, etc), poderia ser partilhado mais pacificamente por ambos, pois *cada um não veria o outro como um rival a ser anulado*, mas como um discurso que ocupa uma posição diferente do campo discursivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A *Bíblia Sagrada*. (1969). Trad. João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil.
- ANKERBERG, John e WELDON, John. (1995). *Os Fatos sobre Criação e Evolução*. Porto Alegre: Obra missionária chamada da meia-noite.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (1990). "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)". In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (19) UNICAMP, Campinas. (pp. 25-42).
- _____. (1998). *Palavras Incertas*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- _____. (1999) "Dialogismo e Divulgação Científica, In: *Revista Rua* (5). Campinas, SP: UNICAMP, NUDECRI, pp.9-15.
- BEHE, Michael J. (1997). *A Caixa Preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Ciência e Cultura).
- BLANC, Marcel. (1994). *Os Herdeiros de Darwin*. São Paulo, SP: Scritta.
- BRANCO, Samuel Murgel. (1996). *Evolução das Espécies*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Moderna. (Coleção Polêmica).
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. (1998a). *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª. Ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP. (Série Pesquisas)
- _____. (1998 b). *Subjetividade, Argumentação, Polifonia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- BRODY, David E. & BRODY, Arnold R. (1999). "A Evolução e o Princípio da Seleção Natural". In: *As Sete Maiores Descobertas Científicas da História*. São Paulo: Companhia das Letras, pp.221-238.
- CORACINI, Maria José R Faria. (1991). *Um Fazer Persuasivo; O discurso subjetivo da ciência*. Campinas, SP - São Paulo: Ed. Pontes - Educ.
- COURTINE, Jean-Jacques. (1981). "Le discours communiste adressé aux chrétiens". *Langages* (62). Paris: Didier-Larousse. Tradução de Sfrío Possenti. (Em processo de edição em Língua Portuguesa).
- COUSINS, Peter James. (1997). *Ciência e Fé; Novas Perspectivas*. São Paulo: ABU.
- DARWIN, Charles. (1996). *A Origem das Espécies*. Rio de Janeiro: Edição Integral. (Clássicos Econômicos Newton 9).
- FOLHA de S. Paulo, Seção: Ciência, (06 out. 1999). '*Evolução*' é retirada de escolas nos EUA. São Paulo.
- HELLMAN, Hal. (1999). "O buldogue de Darwin contra Sam 'escorregadio'; as guerras da evolução". In: *Grandes Debates da Ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*. São Paulo: Editora UNESP. pp.111-139. (Biblioteca básica).
- HOOPYKAAS, R. (1998). *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- HORGAN, John. (1998). *O Fim da Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.

- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. (1998). *Semântica*. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática. (Série Princípios).
- INDURSKY, Freda. (1997). *A Fala dos Quartéis e as Outras Vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- KIDNER, Derek. (1985). *Gênesis*; Introdução e Comentário. São Paulo: Ed. Vida Nova & Ed. Mundo Cristão.
- KOCH, Ingedore Villaça. (2000). *O Texto e a Construção dos Sentidos*. 4.ed. São Paulo: Contexto. (Caminhos da Lingüística).
- LIMA, Celso Piedemonte de. *Evolução Biológica*; Controvérsias. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993. (Série Princípios).
- LOURENÇO, Aduino J.B. (1999). *Criação x Evolução*. Limeira: Apostila.
- LORETZ, Oswald. (1979). *Criação e Mito*. São Paulo: Ed. Paulinas, (Biblioteca de estudos bíblicos, 6).
- MAINGUENEAU, Dominique. (1984). *Genèses du discours*. Pierre Mardaga, Editeur, Bruxelles. Tradução de Sírio Possenti. (em processo de edição em Língua Portuguesa).
- _____. (1996). *Pragmática para o Discurso Literário*. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Leitura e Crítica).
- _____. (1987). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes & Editora da Unicamp, 1997.
- _____. (1997 a) *Os Termos-Chave da Análise Do Discurso*. Lisboa: Gradiva.
- MARTINS, Roberto de Andrade. (1997). *O Universo*; Teorias sobre sua Origem e Evolução. São Paulo: Editora Moderna.
- MOIRAND, Sophie. (2000). "Formas discursivas da difusão de saberes na mídia". In: *Revista RUA* (n.6). Campinas, SP: UNICAMP, NUDECRI, pp.9-24.
- MORRIS, Henry. *Criação ou Evolução*. 2a. ed. São Paulo: Ed. Fiel, 1979.
- ORLANDI, Eni P. (1987) *A Linguagem e seu Funcionamento*. 2 ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1999). *Análise do Discurso*; princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores.
- _____. (2001). "Divulgação científica e efeito leitor". In: GUIMARÃES Eduardo (Org.). *Produção e Circulação do Conhecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001, pp. 21-30.
- PÊCHEUX, Michel. (1983). "A Análise de discurso três épocas". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. pp.311-319. (Coleção Repertório).
- PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. (1975). "A Propósito da análise automática do discurso". In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. pp.163-252. (Coleção Repertório).
- PEÑÁ, Juan L. Ruiz de la. (1989) *Teologia da Criação*. São Paulo: Ed. Loyola.
- PERELMAN, Chaïm. (1996) *Tratado da Argumentação*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

- POSSENTI, Sírío. (s/d.) *Slogan, Polifonia e Memória Discursiva*. Campinas, UNICAMP, inédito.
- _____. (2002) Metaenunciação: uma questão de interdiscurso e de relevância. In: *Os Limites do Discurso*. Curitiba, Criar Edições.
- REBOUL, Olivier. (1998). *Introdução à Retórica*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- ROSE, Michael Robertson. (2000). *O Espectro de Darwin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SAGAN, Carl. (1996). "Kit de detecção de Mentiras". In: *O Mundo Assombrado pelos Demônios*. São Paulo: Companhia das Letras, p.210-215.
- ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. (1997). *Heterogeneidade e Subjetividade no Discurso da Divulgação Científica*. Tese de doutoramento. IEL, UNICAMP.